

COMPRA

AZULEJOS



*Semanario illustrado
de Sciencias Lettras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA

Officinas d'impressão e composição
A LIBERAL
R. de S. Paulo, 216

Tiragem 4.000 exemplares

Segunda-feira, 27 de Julho de 1908

OS NOSSOS

Brindes semanaes
Aos assignantes e annunciantes

2.500\$000

ou

1.200\$000

por um vintem!

Condições do Sorteio

1.ª — Ver se n'estes numeros



Dr. Alexandre Braga

está contido o numero da **SORTEGRANDE** da **LOTERIA PORTUGUEZA** de 30 de **JULHO**; se estiver, o possuidor d'este jornal tem direito ao **DECIMO 3864** para a **LOTERIA PORTUGUEZA** de 7 de **AGOSTO** de 1908.

2.ª — O possuidor do jornal premiado deve escrever-lhe o seu **NOME** e **MORADA** e entregar-o n'esta redacção ou enviar-o em **CARTA REGISTRADA**, afim de não haver extravio, até á **VESPERA DA LOTERIA** a que pertence o decimo sorteado.

3.ª — Quando os decimos não forem requisitados no **PRASO D'UM MEZ, A CONTAR DA DATA DA LOTERIA**, ficam sendo propriedade do **"AZULEJOS"**.

4.ª — A este sorteio tem direito apenas os **ASSIGNANTES D'ESTA REDACÇÃO**, sendo, portanto, excluidas todas as pessoas que comprarem ou assignarem o jornal aos ncssos **Agentes e Depositarios**.

Aluga-se

JAZIGOS DE CAPELLA
A 200\$000 reis
 8 Logares
 Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA
 Clínica Geral—Partos
 R. de S. Roque, 67, 1.º—Das 3 às 5 da tarde
 TELEPHONE 1573

ALBERTO FERREIRA
 MEDICO-CIRURGIÃO
 Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
 Consultas das 10 às 11

ANACLETO DE OLIVEIRA ++++
 MEDICO-CIRURGIÃO
 Rua S. Vicente á Guisá, 22, 1.º

JANUARIO & MOURÃO
 Ourivasaria e relojoaria
 Grande quantidade de artigos em estojos próprios para brindes, desde 1\$000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso. Importação directa das fabricas.
 PREÇO FIXO
 Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92-A

Louças-vidros-talheres

Quasi de graça

SÓ NA CASA DAS LOUÇAS

33, Rua da Palma, 35

PEDRO CARLOS DIAS DE SOUSA

JULIO GOMES FERREIRA & C.ª



Fornecedores da Casa Real

82 — RUA DA VICTORIA — 88

Exposição permanente

166 — RUA DO OURO — 170

Instalações completas para agua gaz e electricidade
 Grande sortido de lustres em todos os generos

As cartas dos consolentes devem vir acompanhadas da respectiva SENHA DE CONSULTA, e satisfazer aos seguintes requisitos:

— «Nome de batismo; iniciaes dos sobrenômes e apelidos.»

— «Anno, mês, dia e hora, se possível fôr, do nascimento.»

— «Côr da péle, dos olhos, dos cabelos.»

— «Altura aproximada, estado de magrêza ou de gordura, comprimento exacto dos dedos da mão esquêrda, tomado do lado da palma da mão; se os labios são finos, delgados ou grossos, carnudos, espessos; sinaes da péle, congénitos ou adquiridos, cicatrizes. Dimensões aproximadas da testa, feito do nariz. (Um retrato tirado de frente e outro de perfil, seriam excellentes dados.)»

— «Doenças anteriores á consulta. Saude dos paes. Se tem muita ou pouca força muscular e qual o estado de sensibilidade da péle.»

— «Falaído ainda dos cabelos será bom dizer se são macios ou asperos. As veias que se divisam através dos tegumentos são cheias e azuladas?»

— «E' alegre, agitado, vivaz, inconstante, facilmente irritavel,?»

— «Adora o prazer em todas as suas manifestações? Quaes as distrações que prefere?»

— «Tem tendencia para a violencias para o despotismo?»

— «E' cabeludo ou glabro?»

— «Quaes os caracteres da marcha? Costuma andar deprêssa, devagar, a passo largo, a passo curto, com gravidade, baloiçando o côrpo?»

— «Qual é a posição habitual da mão quando caminha? Fechada, semi-aberta, aberta? Tem por habito levar repetidamente a mão á frente, aos olhos, á boca, ao nariz, ás orelhas?»

— «Caminha de mãos nas costas, nas elgibeiras? Esfrega-as muito? Costuma-lhes fazer estalar os ossos? Leva repetidas vêzes a mão ao peito?»

— «Dorme com as mãos fechadas, semi-cerradas, abertas? E' tremulo?»

— «Ha frisante contraste entre a côr dos cabelos da cabeça, da barba e das sobrancêlhas?»

— «Gosta de flôres, de fructos? Quaes os preferidos?»

Alem destes esclarecimentos, poderão os srs. consolentes enviar-me quaesquer outros que julguem convenientes. A todos garanto o mais absoluto segredo, a mais completa discrição.

AS CARTAS DEVEM SER DIRIGIDAS
 A ESTA REDACÇÃO

EXPOSIÇÃO DE
LOUÇA DAS CALDAS
 Arte decorativa
 Artigos para brindes

GATO PRETO

R. de S. Nicolau

(Esquina da R. do Crucifixo)



O CONCURSO ARTISTICO DO "AZULEJOS"

BASTA COLLECCIONAR

20 MASCARAS ILLUSTRES

das publicadas nas tres series do nosso semanario, podendo até serem eguaes, enviando-as até ao dia 20 d'agosto.

Premio para o maior numero de collecções

UM COUPON DE 100\$000

Offerecido pela Administração do AZULEJOS

O valioso premio da collecção mais artistica

Offerecido pela redacção

Um espelho de crystal *bisauté* montado em faiança allemã, com relógio e guarda-joias, sustentado por duas figuras de mulher que n'elle se miram. Estylo arte-nova

Valor real 35\$000 réis

Este precioso brinde encontra-se desde já exposto no Gato Preto, R. de S. Nicolau, esquina da R. do Crucifixo.

LISTA DOS PREMIOS

1.º—Um par de estatuetas terre cuita com pintura, imitação de marfim, offerta do Ex.^{mo} Sr. Eugenio Costa, proprietario do Gato preto, R. de S. Nicolau, esquina da R. do Crucifixo.

2.º—Um almofadão desenhado á penna, offerta e trabalho da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria do Céu Beça, nossa illustre collaboradora.

3.º—Uma pintura a oleo, pelo Ex.^{mo} Sr. João Bastos, um dos nossos directores artisticos.

4.º—Uma almofada bordada a seda, offerecida e bordada pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Leonia Paz Lopes.

5.º—Um quadro grande com a photographia do Rei D. Manuel II, trabalho e offerta do Ex.^{mo} Sr. João Maria Lopes, nosso illustre collaborador.

6.º—Um tinteiro feito em sola, pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria d'Oliveira.

7.º—Um estojo com uma escova em prata, offerta do Ex.^{mo} Sr. Julio de Mattos.

8.º—Uma machina d'escrever.

9.º—Um porta jornaes bordado — pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Adelina Lapa Rodrigues Garrana.

10.º—Uma faca para cortar papel, com lamina de marfim e cabo em prata dourada, estylo arte nova, offertado pela ourivesaria Januario & Mourão, 86 a 88, R. da Palma, 92 a 92 A.

11.º—Um colchão d'arame, montado em pitch-pine á medida da cama que o premiado desejar e perfeitamente egual aos que estão á venda em casa do offertante, Ex.^{mo} Sr. José Godinho, 54, P. dos Restauradores, 56.

12.º—Um almofadão desenhado a pyrogravura, offerta e trabalho do Ex.^{mo} Sr. Luiz d'Oliveira.

13.º—Um quadro a aguarela, trabalho e offerta do Ex.^{mo} Sr. Jayme Arthur Marques.

14.º—Bandeja em majolica com aros de metal branco, (diámetro de 30 centímetros), offerta da Casa das Louças, 33, Rua da Palma, 35, propriedade do E.^{mo} Sr. Pedro Carlos Dias de Sousa.

15.º—Um porta jornaes bordado, Offerta e dadiua da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Augusta Perestrello da França.

16.º—Um tinteiro arte-nova.

(Continúa)

COMPRA

O ZELO

Semnario illustrado de Sciencias, Letras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
 Litterarios: J. PACIFICO, EMECÉ e LAMPARINA
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
 Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
 LISBOA

Officinas d'impressão e composição
 A Liberal — R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
 27 DE JULHO DE 1908

CONDICÕES DE ASSIGNATURA
 (Pagamento adiantado)
 SERIE DE 15 NUMEROS
 Lisboa e provincias..... 300 rs
 Colonias 400 »
 A cobrança pelo correio é augmentada de 60 réis.

tiragem 6:000 exemplares.



CHÁ E TORRADAS



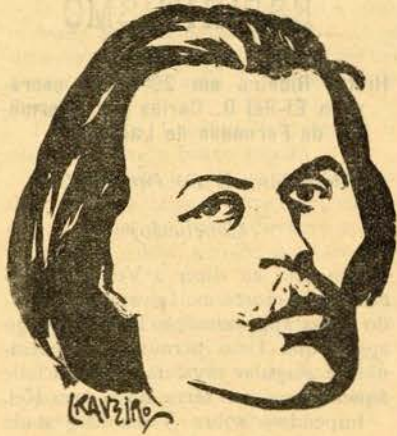
Nesse anno, era eu um rapaz, viajava na Andalusia. Havia esquadinhado todos os recantos da sierra Morana e por fim decidira descêr a vertente da montanha e, escarranchado num macho ético que o Pablo Arenas me alugára pela quantia de quinze duros (valor de três animaes daquêla envergadura), dirigia-me para Cordona, a cidade das kalifas, cuja mesquita enxertada, meia catolica, meia pagã, acendia desêjos estonteantes no meu cerebro de vinte annos. Desprezári os consêlhos do Arenas que com paternal solicitude me obrigára a bebêr *uma copita de anisado* e me dizia que, daquêle lado da serra, uma quadrilha de terríveis salteadores havia mêzes infestava as paragens.

Ora! ladrões! Quem acredita *nisso* aos vinte annos. Na primavêra da vida, para nós, qualquer pessoa tem meritos para ser canonisada. Não admira pois que me espantasse quando, apoz meia hora de caminho, me encontrei cercado por uma duzia de homens mascarados, mosquêtes aos

hombros e punhaes nas cintas. O meu guia, no momento do terrível encontro safou-se correndo e eu fizêra o mêsmo se um barbaças espadaúdo e corpulento me não convidasse, em castelhano purissimo, a descêr da lazarenta alimária.

Tendo a felicidade de encarar as

Mascaras illustres



Maximo Gorki

situações, ainda as mais terríveis, com grande sangue frio; por isso prevendo as intenções dos que me cercavam, tirei a bolsa, o relojio, os aneis e o alfinete da gravata e ofereci tudo, com o mais gracioso sorriso que me foi possível engatilhar, ao hercules das barbas.

— Guarde esses valores, *caballero*, não sômos salteadores, sômos politicos. O Snr. é o homem que esperavamos, um portuguez que saiu d'Elvas ha oito dias trazendo em seu poder preciosos documentos e cuja

missão é entregal'os á Junta revolucionaria de Cadiz. Estamos aqui, homens de três partidos politicos que em regra se guerreiam, mas que se congrassaram agora para apanhar esses papeis que seriam arma terrível na mão do inimigo comum.

Pêla minha parte, confesso-lhe que rodei quatro dias successivos por essas estradas para chegar aqui a horas.

— Ah! *Usted* rodou, exclamei, nêsse caso é o que se pode chamar um *rotativo*.

— E eu, gritou-me aos ouvidos um outro mascarado, com feito de Cid de sete vintens e cinco réis, tambem a principio rodei em carruagem, acompanhando este meu amigo, mas a meio caminho separei-me dele e vim a pé; gastei o mêsmo tempo...

— Caramba, disse eu, *usted* separou-se! *Hombre, ya veo que es un dessidente*.

— Cada um pode fazêr o que quizer dentro da lei, rosnou um terceiro mascarado. Liberdade primeiro que tudo. *De coche, de tranvia, á pié*, os homens são todos iguaes: haja liberdade e egualdade. A junção, n'este momento, de três partidos que habitualmente se guerreiam, mostra que a fraternidade não é uma palavra vã! Liberdade, igualdade, fraternidade!

Estive quasi para dar um *vira* mas limitei-me a provar aos homens que não era quem elles procuravam e continuei a minha jornada sem novidade.

Hontem á noite, recordando esta aventura de ha trinta e três annos, assentei que: rotativos, dessidentes e republicanos são três raças que existem ha muito tempo... em Espanha.

João KEVÊ.



Chronica

A Tuberculose e o trabalho moderno

(Conclusão)

Em 1900, a Comissão da tuberculose denunciava uma officina, no XIV districto de Paris, em que a phthisica estava fazendo horribéis destroços; indicava-se um logar, exercido n'uma corrente de ar glacial, longe de toda a luz natural, cujo occupante desapparecia regularmente em menos de doze mezes, levado pela tuberculose.

Trata-se, pois, de condições de trabalho profundamente defeituosas e bastaria evidentemente, uma inspecção rigorosa, para as reformar. Mas ha mais: nas officinas normalmente arranjadas, nos armazens-caravanse-rails que povoam Paris e as grandes cidades da provincia e do estrangeiro, nos escriptorios dos grandes estabelecimentos financeiros, a tuberculose fere e mata a golpes incessantes e repetidos, sem que ninguém tente detel-a. E como poderia impedir-se esse triste estrago? A tuberculose é a consequencia da fadiga intensiva; da vida anti-hygienica, que é a regra geral das galés do trabalho moderno.

O empregado de um grande armazem passará um dia inteiro n'uma atmospheria impura, sem ar e muitas vezes sem luz natural, e não cessará de satisfazer a clientela impaciente ou de estabelecer a sua contabilidade. Juntem a isto os cuidados de uma responsabilidade muitas vezes pesada e as exigencias de uma disciplina tanto mais severa quanto mais numeroso é o pessoal. Quando, ao terminar o seu dia, esse empregado se encontra nos passeios da rua, ao ar livre, tem fornecido a essa hora uma somma de trabalho que não está em relação com a sua fadiga corporal ou cerebral. Em outro meio, poderia fornecer um trabalho duplo, com uma fadiga muito menor.

O empregado de banco ou de escriptorio acha-se submettido ás mesmas condições de trabalho. Quantos são relegados, agglomerados em locais mal arejados, em subterraneos illuminados a luz artificialmente! Mesmo os raros que são favorecidos com um local arejado, esclarecido pelo sol, trabalham ainda em condições de hygiene geral muito defeituosas. Exige-se muito d'elles e de tal modo são especializados, que o seu trabalho torna-se de uma monotonia desespe-

radora. Acham-se tambem adaptados a uma especie de mecanismo em que todo o seu continuo esforço se exgota. Para elles, assim como para o operario da fabrica ou officina, não existe distracção alguma durante as horas devidas ao patrão, nem distracção, nem iniciativa, nem liberdade de acção, é a roda de Sisypho a fazer girar sem descanso. Ora, o organismo humano, disse sensatamente o Dr. Ardeletti, é uma maravilha de resistencia, de flexibilidade e de elasticidade, mas tem os seus caprichos, as suas necessidades de distensão, os seus momentos de desfallecimento. Não se pode pegar d'elle e ligal-o impunemente a um organismo insensível, que marcha sem treguas e sem repouso, com desapiedada regularidade.

O trabalho moderno, aggrupando, n'um mesmo local, um numero demasiado crescido de individuos, sendo por demais dividido para permitir o jogo das suas faculdades intellectuales e uma sã hygiene cerebral, tem, por consequencia inevitavel, o excesso de fadiga. Ora, nada ha que melhor prepare o terreno para a invasão morbida; os menos resistentes deixam-se facilmente atacar. E por este mecanismo que a tuberculose penetra em todos os meios e vae ceifando quantos não podem adaptar-se a estas condições novas.

DR. LUCIEN NASS.

ESPIRITISMO

Hintze Ribeiro em 20-8 907 escreve a El-Rei D. Carlos por intermedio de Fernando de Lacerda

(Do volume II *Do Pais da Luz*)

(Conclusão)

Isto iria eu dizer a Vossa Magestade se a morte me tivesse denunciado a sua aproximação fatal; isto digo agora que Deus permite, por extranho e singular mysterio, que eu falle áquelle que na terra foi o meu Rei.

Impendem sobre Vossa Magestade responsabilidades inalienaveis, como depositario e guarda das instituições seculares que regem o bom, o incomparavel povo portuguez, como penhor dos destinos nacionaes e sociaes d'este povo, como fiador da ordem, do bem-estar e do progresso da nossa patria.

Para bem desempenhar os seus deveres é necessario o criterio que Vossa Magestade tem, sem o mesclar com o de outros que não compartilhem as suas responsabilidades.

Pela Constituição e pela Razão do Estado, ha um Alto Corpo Consultivo que as pode compartilhar. Unico. Não se afaste d'elle.

Os outros conselheiros que Vossa Magestade pôde ouvir, folgadoamente,

n'um descanso de qualquer *sport*, n'uma desenfatiada conversa de passatempo, ou ainda em conferencia ministerial, não teem categoria legal, professional, nem social para o aconselharem. São lisongeiros ou interesseiros. Aranhas que só cuidam fazer a teia em que querem prender, em seu proveito, os movimentos de Vossa Magestade.

Para se ser bom Rei é necessario ser homem bom, bom politico e bom juiz.

Homem bom para que os impulsos do coração guiem e amaciem as durezas da razão; bom politico para ver claro onde toda a gente procura desenvolver a confusão e o escuro; bom juiz para julgar serena e imparcialmente.

Deve pairar sempre em regiões inacessiveis á inveja, á intriga e á calumnia. Pairar de alto como a aguia.

Habituando se a viver nas alturas, como ella, habituará a vista a distinguir ao longe e com nitidez. Não esqueça nunca que Vossa Magestade, acima de tudo e apesar de tudo é Rei de Portugal. Que Deus, collocando-o n'esse logar, fazendo-o nascer no solar dos nossos reis, lhe deu direitos especiaes e especiaes obrigações. Não pôde ser em nada semelhante aos outros homens, visto que é o primeiro d'elles. E' o fecho da abobadã do grande edificio social da nação. Se não ajustar bem, se não fôr só o fecho, que trave e segure, o edificio desconjunctar-se ha e cahirá por si proprio.

Nas sociedades modernas em que os homens se habituaram a ver que o Rei é um homem, é realmente necessario que seja um homem; e só é homem o que tem a nitida consciencia, a justa precisão, o inteiro conhecimento, de quaes são as suas responsabilidades e de quaes são os seus direitos.

Vossa Magestade sabe-o muito bem; mas ha muito quem procure fazer-lh'o esquecer.

Acautelle-se Vossa Magestade d'esses. Guie-se pelo seu coração, guie-se pelo seu criterio; e, quando precisar apoio, ampare-se aos homens que a constituição lhe destina para esse effeito.

Senhor, ha um ponto melindroso a abordar.

Vossa Magestade é Rei.

Seja só Rei e só o Rei.

Nas minguardas folgas que o officio de reinar lhe deixe, seja então homem.

Não traga para a personalidade a magestade do rei, não ligue ao rei as fraquezas da personalidade.

Quem tem na sua mão a chave de todos os poderes, o destino das instituições e da patria, não pode querer hombraear, em nada, com o que os outros homens fazem.

Não deve querer ser o que elles são, por que elles jamais poderão ser o que é o rei.

Deve collocar-se onde a distancia não deixe ver bem se é de carne e osso como o commum da humanidade. Col-

locando-se perto dos homens, collocar-se á mercê d'elles.

Porque é que eu ainda, aqui onde só a Magestade de Deus existe, e d'onde vejo bem Vossa Magestade no seu justo logar humano, lhe dou o titulo differencial da constituição? E' por que ahi o vi sempre como Rei e como o Rei ainda lhe estou a fallar.

Se o tivesse considerado como homem, ao homem fallaria, se a amizade me trouxesse á falla, e então o modo seria diversissimo. Como homem o rei e o mendigo só se distinguem pela alvura da sua alma, pelo esplendor da sua virtude, pela grandeza da sua bondade. No mais somos todos o mesmo, despidos dos farrapos de seda ou de estamena com que a convenção mascara o nosso ser e tapa a nossa nudez.

Na passagem da morte não ha brocados que enganem, não ha fingimento que valha. Somos o que somos; somos o que fizemos por ser.

Somos a nossa propria obra, producto do nosso proprio trabalho, diamante da nossa propria lapidação. Somos, Senhor, a summula, a resultante, do cumprimento do nosso dever para com Deus, para com a humanidade e para comnosco proprios, seja qual fór o degrau social em que o nascimento nos haja collocado, ou o nosso esforço, a nossa lucta, nos haja conquistado. Cada um tem o seu dever perfectamente distincto do dos outros. Cumpra Vossa Magestade o seu e terá preenchido o seu fim ahi.

Acabo tambem de cumprir o meu como fiel conselheiro e fiel amigo do Rei de Portugal.

E, agora, receba, Senhor, nas suas regias mãos, todas as mercês e todas as honrarias com que, em nome da Nação e da sua regia prerogativa, tão munificamente me distinguim em seu serviço, no amor do qual consumi a minha vida.

Beijo as mãos de Vossa Magestade.

HINTZE RIBEIRO.

Errata — No numero anterior, na linha 11 deve ler-se: eu mais do que ninguem o sentiria e a mim, mais do que a ninguem, pungia esse mal e esse damno.



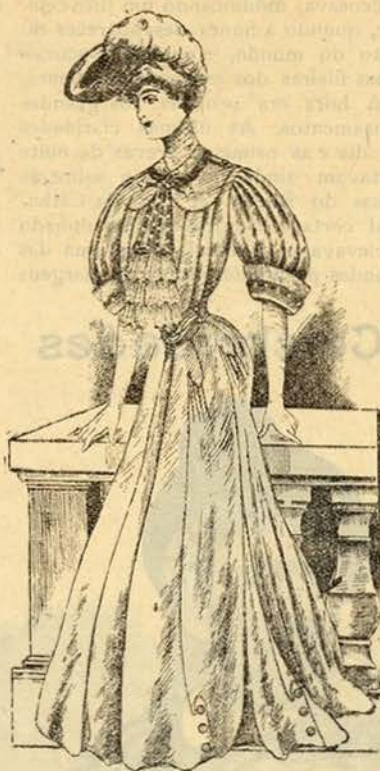
O pequeno vigia lombardo

POR
Edmundo de Amicis

(Conclusão)

Mas enquanto elle o animava e lhe apertava um lenço sobre a ferida, o rapaz entreabrindo os olhos deixou cair a cabeça.

Modas e Confecções



Estava morto.

O official empallideceu, fixou-o um momento, accomodando-o depois com a cabeça sobre a herva. Levantou-se em seguida, e ficou a olhar para elle contemplativo.

O sargento e alguns soldados, immoveis, tinham igualmente os olhos fitos no pequeno morto e os outros estavam voltados com a frente para o inimigo.

Pobre rapaz! repetiu tristemente o official. Pobre e bravo rapaz!

Depois abeirou se da casa, e tirando da janella a bandeira tricolor, estendeu a como um panno funebre sobre o cadaver, deixando-lhe o rosto descoberto.

O sargento collocou ao lado do morto os sapatos, o barrete, o bastão e a faca.

Estiveram ainda algum tempo silenciosos; e em seguida o official, voltando-se para o sargento, disse:

— Mandal-o-hemos receber pela ambulancia; morreu como soldado, que seja enterrado por soldados!

Dito isto, atirou com um gesto, um beijo ao morto, e gritou:

— A cavallo!

Todos montaram; reuniu-se o destacamento e tomou o seu caminho.

Poucas horas depois, o pequeno morto recebia as honras de guerra.

Ao pôr do sol toda a linha dos postos avançados dos Italianos, marchava ao encontro do inimigo pelo mesmo caminho percorrido de manhã pelo destacamento de cavallaria.

Proseguia em duas filas cerradas um grosso batalhão de caçadores, que poucos dias antes regara valorosamente

de sangue o monte de S. Martinho.

A noticia da morte do rapaz tinha-se divulgado entre aquelles soldados antes de deixarem o acampamento.

O caminho, ladeado por um regato, ficava a poucos passos de distancia da casa.

Quando os primeiros officiaes do batalhão viram o pequeno cadaver estendido ao pé do freixo e coberto com a bandeira tricolor, saudaram o com a espada, e um d'elles, inclinando se sobre a margem do regato, que estava toda florida, arrancou duas flores e atirou lh'as.

Então todos os caçadores á medida que iam passando colhiam flores e lançavam as ao morto.

Em pouco tempo estava o corpo do rapaz todo coberto.

Officiaes e soldados fizeram lhe a continencia.

— Bravo! pequeno lombardo! Adeus, bravo rapaz! A ti, louro martyr, Viva! Gloria! Adeus!

Um official, lançou-lhe a sua medalha de valor, e um outro foi dar-lhe um beijo na testa.

E as flores continuavam a chover nos pés nus, sobre o peito ensanguentado e sobre os cabellos louros do pobre rapaz envolto na sua bandeira, com o rosto pallido, quasi sorrindo, como se sentisse aquellas saudações, e estivesse contente por ter dado a vida pela Lombardia.

SUSPIROS D'ALMA

A minha vida

Eu vivo n'este mundo torturado
Pelas garras cruéis da desventura;
Eu vivo d'este abysmo na negrura;
Sinto o meu coração dilacerado.

Não conheço alegrias, nem ventura
Desde que vi teu rosto delicado;
Sinto o coração triste, amargurado,
Prêso á tua singéla formosura.

A minha vida é triste, dolorosa,
A tua, anjo céleste, jubitosa,
Contando só prazêres e alegrias.

Compara agora a sorte de nós ambos:
Tua alma só cantando dithyrambos,
A minha, lacrimosas elegias!...

Oh! como a minha vida é triste, quando
Sinto da desventura a dor tão forte!
Dilacéra-me o peito, o duro corte
Do punhal do destino miserando!

Minha vida é um livro, que chorando
Eu passo as suas páginas da sorte:
Vêjo n'elle o martyrrio, a negra morte,
Este mundo imbecil, falla, nefando.

Minha vida é o sibilar do vento
Que passa em correrias, com loucura,
Sobre a campa do goso, n'um lamento.

Eu vivo na tristeza, na negrura!
Que é pois a minha vida? Antro nojento
Onde impéra a Miseria, a Desventura!

Porto.

PINTO FERREIRA.

A Marselheza

Tractemos d'essa terrível *Marselheza* que me creou tantos admiradores e tantos inimigos implacáveis.

Inventaram a respeito d'esse hymno patriótico, como lhe chamei, com historias diversas: — uns dizem que o compuz n'um momento de embriaguez, depois de uma orgia; outros pretenderam que elle me houvesse sido encomendado por altos personagens.

A verdade, porém, é esta: — O meu regimento em caminho para o exercito do Rheno acabava de chegar a Strasburgo. Fui pedir hospedagem ao excellent snr. Dietrich, *mair* d'aquella cidade, cuja familia patriarchal mantinha relações de amizade com a minha.

O snr. Dietrich recebeu-me com effusão e destinou-me um aposento magnifico que abria sobre a praça da cathedral.

A bagagem de um alferes é coisa que pouco peza: — um uniforme, alguns livros de estrategia muitas vezes consultados com o ardor e a illusão que nos fazem vêr as dragonas de ouro com estrellas de prata de general em chefe, e eis tudo.

Além d'isto trouxera as minhas velhas partituras de Lulli e Gluck. Por uma felicidade inesperada, no meu modesto aposento havia um piano.

O jantar foi muito expansivo; conversou-se sobre muitos assumptos, até sobre as calamidades d'aquella epocha.

Conhecia bem o snr. Dietrich a minha paixão pela musica da qual meu pae, velho gentil homem, lhe falara confidencialmente não sem uma certa apprehensão do desvio a que essa paixão me poderia arrastar. Ao fim do jantar perguntou-me se eu não acharia um meio de substituir os odiosos canticos do *Ça ira* e da *Carmagnole*.

Prometti-lhe pensar n'isso.

Levantamo-nos da meza, despedi-me dos meus hospedeiros e fui percorrer a cidade tomado por esses doces e melancolicos devaneios tão familiares ao mestre Jean Jacques.

Quanta amargura — pensava eu — para aquelle grande coração, se visse agora esta geração nova que elle no seu *Emilio* sonhara tão nobre e tão cheia de civismo!

Emquanto o povo ao grito de — «A patria está em perigo!» — se levanta como um só homem e, sem armas, sem munições, muitas vezes sem roupa e sem pão, repelle o estrangeiro invasor do seu territorio, outros francezes, os nobres, os *gentishomens*, atravessam a fronteira e vêm combater os seus irmãos, dentro do proprio paiz, com as forças prussianas!

De que lado está a honra? De que lado está a patria?

Pensava, modificando um dito celebre, quando a honra desaparecer do resto do mundo, é preciso procural-a nas fileiras dos exercitos nacionaes.

A hora era propicia aos grandes pensamentos. As ultimas claridades do dia e as primeiras trevas da noite luctavam ainda no céu e sobre as aguas do Rheno. A flexa da Cathedral cortava o horizonte inflamado e elevava-se collossal, como uma das grandes pyramides, sobre as margens

patria, severa amante que não tolera partilhas e, por fim, entoei com voz forte e inspirada o ultimo *couplet*.

— «*Amour sacré de la patrie, conduis, soutiens nos vengeurs*»...

N'esse momento uma explosão de applausos rebentou na rua.

Como que acordei de um sonho; as velas haviam-se consumido; a aurora erguia-se radiosa e branca sobre a outra margem do Rheno...

Sob a minha janella estava o snr. Dietrich com um official superior que eu não conhecia e muitas centenas de cidadãos e voluntarios. Escutavam-me, repetiam já a meia voz as minhas inspirações.

Ao mesmo tempo a porta abria-se e os musicos do *Grande Theatre*, conduzidos pelo snr. Dietrich, entravam e apossavam-se do meu manuscrito.

Quando a cidade despertou, reuniu o tambor na praça os voluntarios que partiam para a fronteira.

O commandante ordenou que formassem quadrado e collocou ao centro os seus musicos com os do *Grande Theatre*.

O commandante era uma figura athletica, trazia a faixa tricolor, sobre o fato amplo; os seus cabellos loiros fluctuavam ao vento, emoldurando-lhe a cabeça magnifica, erecta sobre um busto soberbo, como o do Hercules Farnesio.

— Quem é aquelle homem? — perguntei.

— Um filho de Strasburgo, — responderam-me. E Kleber. Vae marchar contra o inimigo que se acha sobre a ponte de Kehl, na fronteira proxima;

ouve-se d'aqui a artilharia.

N'esse instante tres mil vozes entoavam o hymno que eu chamava — *Romance dos exercitos*. Homens, mulheres, creanças todos cantavam.

Chegaram á ultima estrophe:

— *Amour sacré de la patrie...*

Kleber exclamou com voz de stentor:

— De joelhos, meus filhos, de joelhos! Todas as cabeças se descobriram, todos ajoelharam e um côro formidavel lançou até os céus estes ultimos versos:

— «*Sous ces drapeaux que la victoire accoure à nos mâles accents, que tes ennemis expirants voient ton triomphe et notre gloire!*

O canhoneio, além do Rheno havia redobrado chegando até nós o estridor da metralha; os sinos badalavam no alto das torres seculares da Cathedral de Strasburgo.

Poderia viver cem annos; jámais

Celebridades



Mounet Sully

d'esse Nilo do occidente. O ruído longiquo da *chamada* nos *faubourgs* respondia ao ruído do meu coração.

Pensei n'essa fronteira do Rheno que o inimigo ia pisar, voltei para casa e sentei-me diante do teclado.

Iniciei uma série de accordes vigorosos e confusos. Depois procurei ao mesmo tempo os versos e a melodia.

Esses accordes — affirmou o meu mestre bem amado que hoje repousa nas sombras de Ermenonville, affirmou-o auctor do *contracto Social*, esses accordes escrevi-os para os defensores do meu paiz.

Essa noite, cuja recordação me ha de seguir por toda a vida, foi toda inteira consagrada á minha patria.

Batiam-me febrilmente as temporas; o teclado gemia sob o impulso dos meus dedos.

Comecei por uma chamada ás armas que me foi inspirada pelos derradeiros rufos da *retraite*; fiz ouvir em seguida a voz grave dos velhos, lembrando aos mancebos que tambem haviam sido jovens, valentes e victoriosos: depois a invocação á patria — a

me desapareceria de diante dos olhos esta scena imponente.

Kleber abraçou-me no meio de aplausos estrondosos e preneticos.

Como já disse, as minhas opiniões eram liberaes. A nobresa abusara dos seus privilegios; o clero perdera a sua grandeza e a sua auctoridade moral; uma e outro deviam de ser reformados.

Considerava ainda a monarchia como a arca de salvação da liberdade; a Constituição de 1791, a obra da grande assembleia constituinte, era tudo quanto eu queria e, quando em 10 de agosto vi a realza atacada, ridiculizada, aprisionada, recusei o juramento ao novo governo e retirei-me á vida civil.

No emtanto, o meu canto de guerra do exercito do Rheno, marchando com os nossos voluntarios, havia mudado de nome.

Os marselheses de Barbaroux tinham vindo a Paris juntar-se ás secções para o ataque ás Tulherias.

Um soldado que se achava em Strasburgo trouxera para Marselha esse canto do meio-dia da França. Esse povo que adora a musica como adora a mulher, fez d'elle um hymno republicano.

Homens, mulheres, velhos, e creanças, todo o mundo, ao fim de oito dias, n'essa cidade vulcanica, sabia de cór o meu trabalho e, quando os batalhões partiram, semearam-no n'um percurso de duzentas leguas.

O nome que eu lhe havia dado era muito extenso para pronunciar e, como o povo jámais gostou de phrases longas, achou mais simples dizer isto:

— Os marselheses cantam o seu hymno de guerra: — *A Marselhesa*.

A minha poesia é fraca, bem o sei, mas respira toda ella o amor da patria; quiz, imitando o grego Thyrté, ensinar aos soldados que é preferível a morte a vêr o solo da patria calcado pelo estrangeiro.

Era esse o meu pensamento.

O mais bello elogio do meu hymno fel-o Napoleão, o vencedor de Fleurus, quando disse:

— «Com dez mil soldados e *A Marselhesa* bateria quarenta mil homens!»

ROUGET DE L'ISLE.

MORTO

Conto por Arthur Doria

(Continuação)

— Adóro um nome: — eu e o mar — e, accendendo um phosphoro, mostrou-me, traçado nitidamente na areia com a bengala, n'uns grandes caracteres, o seu nome de baptismo — Emma.

Augmentaram-se-lhe as pulsações, a vontade tornou-se-lhe impotente para enfrear a carne que pedía titilações de beijos que fóssem mordeduras

e abraços que a magoássem atrozmente...

O mar crescia. As ondas subiam já até elles. Ella, vendo o perigo, levantou-se e readquiriu logo toda a presença d'espírito. Ha d'estas coisas: um simples movimento salva a mulher muita vez de perdêr-se.

A par e passo que, juntinhos, braço agarrado a braço, caminhavam pelo areal, sem o esfalfamento de pernas e a canceira de quem, a cada passada, enterra os pés, ella dava largas aos vãos do seu arrebatamento. Verdadeiro Mirabeau do amor, todas as coisas se reanimavam pela cór das suas imagens, pela chamma da sua palavra ardente como a sarça biblica, e tudo parecia reflorir, magestosamente. Inventava um céo extranho, crivava-o de diamantes, enchia-o de flôres como n'um authentico domingo de Ramos, que desabrochavam á luz do seu olhar e rescendiam ao calor da sua voz. N'esse céo, collocava a a ella, como o sol abençoado, e para a qual ergueriam a vista, de mãos postas, todos os que n'este mundo chorássem, amassem e soffrêsem. Encastoor-lhe-ia a cabelleira em oiro e pedrarias, e dar-lhe-ia um throno feito de astros, para que, quando soubesse da miseria que se oppunha ao enlace de duas almas e podesse deixar cair algum por noite serena, no regaço de qualquer dos amantes, e receber as santas benções das suas almas agradecidas. Havia amôr subito e amôr que leva seu tempo a manifestar-se. O seu, irrompêra, subito. Mas, á Petrarca, fazia d'elle um culto, silencio e ignorado, só para si, e se, agora, erguia um pouco o véo, é que ella viêra tentá-la como a simples trapista, e elle não lhe poderá resistir.

(Continúa).

No Penedo da Saudade

(Em Coimbra ao pôr do sol)

O dia desaparece
A' medida que fenece
Meu desejo de viver.
Que o Penedo da Saudade
Esta doce suavidade,
Dá desejo de morrer.

Em Extasis

Em extasis a Lua muita vez
A's aves perguntou porque cantavam...
E as aves reccosas se callavam
Ante a Lua de tanta pallidez...

N'um Album

Adoro na mulher a ingenuidade
Com que tece chimeras, phantasias...
Como a adoro turbada nas saudades
Das passadas e mortas alegrias.

Amor Platonico

Eu amo uma mulher com tal ardôr
Que chego a ter receio de encontra-la
Gosto muito de vê-la e contempla-la
Mas que ella não descubra o meu amôr.

LUCIANO D'ARAÚJO

DESEJO NEGRO

(A um pessimista...)

Divagando.

Era ao dealbar.

Adelio, merencoreo e abatido, caminhava paulatinamente.

O seu olhar, medido e penetrante, deixava transparecer uma vida feita de amarguras constantes, de desejos mestos e inconcebiveis!

E o seu aspecto, phantasmatico e esqueletico, modelava bem com os tragicos pensamentos que em horizontes horriveis lhe avassalavam o cerebro!...

— Parecia caminhar ao accaso.

Todos os que por elle passassem olhavam-no com um certa desconfiança: — as creanças fugiam-lhe, os velhos receiavam-no!

E elle de ninguem fugia e de nada se importava.

A terra contemplava-a com interrogações sinistras; o céo com supplicas fervorosas!...

* * *

Já o sól expriava os seus aurifulgentes raios pelos rendilhados pincaros das montanhas, quando, Adelio, sempre mystificado em pensamentos lugubres e desejos negros, entra n'um cemiterio.

A principio olha com indifferença para os jazigos e parece cogitar na louca vaidade do mundo...

Depois, á maneira que se vae approximando das brancas sepulturas — onde a Igualdade domina, — parece que a sua vida se sentia melhor...

E, pouco tempo depois, vae sentar-se n'uma tosca pedra, pensando nos que dormem alli, — n'aquella felicidade suprema!

Interroga a amplidão, ambicionando-lhes o repouso!...

Porém n'um momento em que uma das suas tragicas interrogações retumba mais fortemente pelo espaço d'uma mudez indecifrável, uma voz pareceu bradar-lhe entre sarcasticos sorrisos e convulsões d'espanto:

«Qual o teu desejo, ó pobre naufrago da vida?!...»

E elle encaminhando-se rapido para a sombra negra que visionára e que julgára vêr a Morte, responde-lhe com a alegria de quem vê emfim o seu desejo realisado:

— «Refugiarme no teu seio.»

PEDRO MARIA DA FONSECA
(Olhão)

(Dos «Sombrios»: livro inedito)

Pensamentos

O pae, a mãe e o filho são três amores que teem um nome só: — a familia.

PAULO FÉVAL.

— A felicidade da vida é o trabalho livremente accete como um dever.

E. RENU.

PELAS ARENAS

CHRONICAS TAURINAS

A maior enchente da época teve-a a Praça do Campo Pequeno no domingo com o beneficio do bandarilheiro Jorge Cadete.

Além das sympathias com que conta o beneficiado, que, depois de por algum tempo ter *estacionado*, voltou a trabalhar com todas as ganas do seu tempo primitivo, tinha a corrida o bello *aliciente* de se apresentar pela primeira vez em publico o joven amator Jayme Cadete, filho de Jorge, o qual, nos centros da aficção passava por ser uma notabilidade.

Essa opinião confirmou-se no domingo, por quantos na praça o viram citar com elegancia o novillo que lhe destinaram, entrar, *cuadrar*, rematar as sortes com frescura e perfeição, sahindo para os dois lados com equal limpeza, collocando quatro pares de ferros, dos quaes principalmente o 3.º foi de um brilho extraordinario.

Está consagrado o jovem amator.

Com o capote tambem Jayme se collocou deante do novillo, não nos satisfazendo tanto como com bandarilhas, e provando á evidencia que tinha bem seguido os conselhos do seu mestre Theodoro.

E já que fallamos d'este nome, devemos dizer que é ao *maestro* da Gollegã e a Jorge Cadete, que se deve em grande parte o triumpho que o novel amator alcançou no domingo, pela acertada ajuda que lhe deram.

Outro attractivo que tinha a corrida era o touro lidado alternadamente por José Casimiro e Jorge Cadete, em que não se sabe que mais admirar: se o trabalho do cavalleiro, a *vista* do bandarilheiro ou a nobreza do cornupeto.

Foi uma lide que enthusiasinou, e pena foi que o director deixasse apurar tanto o touro em ferragem, mandando o ainda por cima pegar de volta, o que resultou fiasco.

De resto houve a diligencia, mas pouca sorte, de Morgado de Covas, que realisando a sua festa no domingo seguinte, devia certamente empregar, como empregou, toda a sua boa vontade; uns pares regulares, dos bandarilheiros que tomaram parte na corrida, um salto de vara e um *quiebro de rodillas*, de Alfredo dos Santos.

Thomé e João d'Oliveira, apesar de toda a sua boa vontade, não estão ainda á altura de carregar com o peso d'uma corrida, no manejo do capote e muleta.

Os moços de forcado lá estiveram...

* * *

Na praça d'Algés realisou-se na ultima segunda feira a bezerrada levada a effeito pela direcção do Real Club Tauromachico, e offerecida aos seus socios, cujas familias e convidados enchiam por completo os logares supe-

riores, vendo-se apenas alguns claros no sol.

Nunca, certamente, a Praça d'Algés teve uma concorrência tão selecta e distincta.

A lide, completamente á hespanhola, que estava a cargo da quadrilha infantil de que são espadas *Lineño II* e *Gallito III*, decorreu cheia de movimento e com varios episodios animados. O quarto novillo bravo e já um pouco *crecido* para os diminutos lidadores, foi, depois de bandarilhado por *Punteret*, — que, com *Pescaderito*, coadjuvava a *encerrona* — passado de muleta por *Gallito III*, o qual se animou e trasteou o animal, cheio de vontade de ganhar as palmas com que a assistencia coroou o seu trabalho.

Os picadores puzeram algumas varas, a que os bezerrros pouco acudiam, e um d'elles teve o penço inutilizado.

A mudança de *tercios*, feita a toques de clarin e timbales, era ordenada pelo intelligente e proficientissimo aficionado Arthur Telles, director do Real Club, e uma das figuras de maior prestigio no meio tauromachico da peninsula.

A bezerrada foi abrilhantada pela charanga dos marinheiros, que antes e durante a festa deliciou os convidados do Club com variados trechos musicaes.

Como sempre, appareceu a nota discordante, e essa foi dada por uns cafres, que, não se lembrando que estavam ali pela gentileza e amabilidade de alguns cavalheiros, berravam e escouceavam como se houvessem pago os seus logares em corrida macanja.

ÉMECÉ.

CABULA

Quando nessa cadeira recostado
Pausadamente vira a caderneta,
Esse *livro razão*, de capa preta,
Mal imagina mestre, o meu estado.

Sou então como o timido soldado
Que espera do inimigo bala ou setta
Temendo com a mente desinquieta
Ser p'lo duro projectil alvejado.

Pois de mim se apodera tal terror,
E de ser chamado é tão grande o susto
Que com certeza perco toda a cór...

Nesse momento até respiro a custo,
E proponho emendar-me, mas... senhor,
E' só naquelle *tal* instante ornuto.

A. S.

Cumulos

Da *horticultura*: — Semear flores de rethorica na terra da verdade.

Do *apparato*: — Servir um copo d'agua, n'uma salva de artilharia.

Fazer continencia á bandeira d'uma porta.

Montar um drama em selim raso.

AO TORRES BRANCO

Que realisa o seu beneficio, a 2 de agosto, no Campo Pequeno.



Eu não quero amor toureiro,
Só se mudar de sentido.

Lá por tu seres o primeiro,
A servir o teu amigo;
Vê lá bem o que te digo:
Eu não quero amor toureiro.
Chama-me embora embusteirol!
Não me deixas commovido!
Eu contigo pouco lido...
Mas a coisa agora é esta:
Eu não vou á tua festa...
Só se mudar de sentido.

A Marquinhas

Como eu conheci a Marquinhas aos 16 annos!... Os seus cabellos louros, quando um raio matutino de sol lh'os beijava, transformavam-se em fios d'ouro; os olhos azues duma candura infinda tinham o encanto dos olhos duma fada que prende e entonteciam quem pela primeira vez os fittasse; a face um pouco pallida, mas rosada, era mais bella que a face duma flôr e tinha mais perfume que as petalas duma rosa.

Era tam bonita a Marquinhas, quando a vi pela primeira vez!...

Vivia com sua mãe numa casinha modesta, pois a fortuna dellas era pequena. Passeavam ambas todas as tardes e Maria na volta vinha sempre cheia de flores, que amava doidamente para enfeitar o seu quarto e um pequenino altar, onde ella, uma flôr, orava no meio de rosas e todas assim num conjuncto bemdicto faziam chegar o seu perfume até á Virgem, que lá de cima do altarsinho as olhava ternamente.

Que mudada dois annos depois!... Toda vestida de preto, toda de luto, os seus olhos já não sorriam como

lh'os vi sorrir; os cabellos tinham perdido a côr doirada e a face toda pallida, já debotada, não era a face seductora d'aquella que eu tinha admirado dois annos antes.

Uma terrivel transformação se deu na Marquinhas, dizia de mim para mim. Perguntei qual seria a causa e disse-me o seguinte:

Que um dos melhores rapazes d'aldeia a tinha namorado e ella, ouvindo pela primeira vez fallar d'amor, não hesitou em se lhe affeioar, jurando-lhe uma sincera amizade e correspondendo assim aos protestos apaixonados d'aquelle que tão bem soube prender-lhe a sua alma.

Amavam-se, pois, mutuamente, mas sem que ninguém o sonhasse.

Nem todos os dias podiam fallar e só quando a mãe estava entretida, muito á noite, lá apparecia então o rapaz a um signal combinado e fallavam durante algum tempo do seu amor do seu futuro talvez, e despediam-se depois com um prolongado beijo, envolvendo-se um ao outro num saudoso olhar.

Aconteceu, porem, que o rapaz era muito fraco e desenvolvendo-se uma epidemia na povoação, foi uma das primeiras victimas. O que se produziu no espirito de Maria é impossivel descreve-lo; o seu coração envolto no crepe doloroso nunca mais sorriu. A mãe via a definhir de dia para dia, sem poder advinhar o que lhe ia n'alma.

As rosas de que ella gostava tanto aborrecia-as agora e quem a visse aos pés da Virgem ajoelhada não diria que era a mesma Marquinhas.

Orava horas e horas e só a muito custo a mãe conseguia tira-la d'ali. De noite chorava e chorava muito, em silencio, para que ninguém a ouvisse e de manhã os olhos macerados das lagrimas indavam a sua mãe o sofrimento que lhe estalava fibra a fibra o coração.

Sempre que resava pedia á Virgem que lhe enviasse a morte, para no ceu junto do seu amado poder viver, já que Deus não quiz a sua união na terra.

Só dois meses a Marquinhas resistiu áquelle estado doloroso, n'um dia de manhã o sino d'aldeia dobrava a finados.

Era a Virgem que se não tinha esquecido do seu pedido e levava para o ceu a alma dum anjo.

Coimbra 23-5 1908.

ANTONIO DE CASTRO LOPES.

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consulente: — Julia E. Q.

A consulente só poderá ser feliz pelo trabalho honrado, são e honesto, tanto mais que existem em si grandes

aptidões economicas e comerciaes. Seguindo este trilho é de crêr que enriqueça, principalmente se, nas suas relações sociaes, se mostrar graciosa, amavel e alegre. Encontro tambem no seu horoscopo uma aptidão decidida para tudo que se relacionar com architectura e construcção. Será possuidora de riquissimos palacios e quintas e fazendas de primeira ordem. Todas as emprezas a que meter hombros hão-de ter resultados magnificos, a não ser que se lembre de tentar fortuna pelo jôgo d'azar, porque, nesse caso, ficará completamente arruinada.

Um homem tentará seduzil-a: desgraçada de si, se lhe dá ouvidos.

Consulente: — Maria S. E. W.

Hade sofrer enfermidades precoces provenientes de resfriamento.

O seu espirito será indolente: mais meditativo do que activo.

Tenha sempre cuidado quando subir a logares altos; ha perigo de grandes quedas.

Terá grandes decepções, resultantes de questões entre familia.

Não acredite uma palavra do que lhe disserem os seus protetores.

A sua mocidade será infeliz. Gostará de cães e será mordida por elles.

No decurso da sua vida encontrará certa pessoa e dêsse encontro resultará uma scena de romancê. Hade conservar, durante muito tempo, no seu coração, a imagem d'alguem que nunca lhe pertencerá. Saude fraca, espirito melancolico e refletido.

Hade sêr requestada por um militar e pedida em casamento por um seu parente afastado. Se casar, não será antes dos vinte annos e, nêsse caso, será muito amada por seu espôso e querida por seus filhos.

Consulente: João R. de A.

Amado em extremo por seus paes e dedicando a estes enorme afêto.

Vivacidade d'intelligencia, grande poder d'assimilação intellectual, aptidões para tudo. Bello, amavel e galante. Amará todas as mulheres e fará por amor d'elas, grandissimas despezas. Este feitio acarretar-lhe ha imensos desgostos e... coisa triste de dizer, quanto mais gostar alguma mulher e quanto maior fôr o sacrificio que por ela faça, tanto menos ella o amarâ. Hade têr muitos processos judiciaes e ganhará tôios. Hade viajar e, nessas viagens, correr grandes perigos. Será constantemente guerreado por grande copia d'inimigos. Zangar-se-ha facilmente, mas a ira será de curta duração. Tem tendencia para a preguiça. Se andar de noite por caminhos escuros, afianço-lhe que terá maus encontros. Hade sêr toda a sua vida um aventureiro. Casará com uma estrangeira e será pae de bastantes filhos. Hade sêr prêso.

Será corajoso, mas com intermitencias de timidez.

Tem tendencia para abusar das bebidas alcoolicas: livre-se disso.

O seu andar é *pesadão*, isso não lhe fica bem.

E' generoso, mas não tanto como bom vinho do Porto.

Triunfará de seus inimigos pela finura e pela astucia.

Deverá a sua posição social ao favor de sua familia e de seus amigos. Se tiver irmãos, dominal-os-ha.

Consulente: — Maria E. P.

Amavel e bêla! Bom coração e simplicidade de caracter, não liga importancia alguma á parte pratica da vida e com isso sofrerão os seus negocios.

Terá grande amor pelas bêlas artes e especialmente pêlo desenho e pela musica.

Hade casar com um homem indolente e preguiçoso e ha perigo que desta união resulte a ruina. Passará vida de trabalho e penosa. Não será feliz.

G. C.

A 4.ª serie do AZULEJOS

Começa no proximo numero a 4.ª serie d'este semanario, crescente favor do publico que nos tem acolhido com extremado carinho e benevolencia.

Continuaremos a procurar merecer a sympathia dos nossos estimaveis leitores e assignantes, mantendo os nossos compromissos.

Assim, alem do nosso concurso artistico, ao qual têm concorrido um grande numero de colleccionadores, realisaremos, em todos os numeros, o sorteio de decimos da loteria portugueza, podendo qualquer pela modica quantia d'uma assignatura receber 1:200\$000 ou 2:500\$000 reis d'uma só vez.

Para esta serie abrimos novo curso charadistico, subordinado ás condições dos anteriores, e offeritando como brindes aos cinco maiores decifradores, os seguintes e valiosos premios:

- 1.º — Um serviço de jantar, em porcellana;
- 2.º — Um estojo com escovas em prata;
- 3.º — Uma doceira;
- 4.º — As quatro series do AZULEJOS encadernadas em porcellina;
- 5.º — Uma assignatura para a 5.ª serie.

Pedimos a todos os srs. assignantes da provincia a fineza de enviarem, durante esta semana, as importancias das respectivas assignaturas, affm de lhes não serem augmentadas com a taxa de 60 reis, relativa á cobrança feita pelo correio.

QUAL É A COISA,
QUAL É ELLA?

O GRANDE CONCURSO
DA 3.ª SERIE

Cinco premios

- 1.º — Um relógio d'ouro (Zenith).
- 2.º — Uma palmatoria de prata.
- 3.º — Uma biscoiteira.
- 4.º — Uma collecção do «Azulejos» encadernada em percallina.
- 5.º — Uma assignatura gratis para a 4.ª serie.

Condições do Concurso

1.ª — Decifrar, durante os 15 numeros da 3.ª Serie, maior numero d'artigos, alem de 150.
2.ª Para que os nossos leitores possam concorrer em grande maioria resolvemos modificar a 2.ª condição do concurso, augmentando-lhe o prazo, assim:
Poderão enviar-nos as decifrações durante um intervalo de 15 dias, a contar da data da sua publicação.

A lista dos decifradores e as soluções dos artigos publicados são dadas de 4 em 4 numeros.

As decifrações devem ser enviadas pelo correio cintando a pagina do semanario e pondo-lhe uma estampilha de 5 réis.

Decifrações

Do numero 41

Lobo-gato — Malaca — Antiata — Ivo, iva — Claro, Clara — Delio, Delia — Setim, tetim — Craco, fraco — Mello, melló — Cala, calão — Gaivão, aivão — Aterro, orreta — Amphidesmo — Compassar — Amor e saber só Deus o concede — Amor, fogo e tosse a seu dono descobre — Quem quer mais do que lhe convem, perde o que quer e o que tem — Conhecidos muitos; amigos poucos.

Do numero 42

Bertholettia — Tomilho — Vieira — Apicio — Derrama — Louva-deus — Ossa — Avela, avelã — Pitanga, pitangá — Bruxo, bruxa — Granjeio, gaanjeia — Armenia, armenio — E' vergonhoso dizer o que não é honesto fazer — Para o céu não se vae de carruagem — Quem troca ôdre por ôdre algum d'elles é pôdre. Cericá.

Decifradores

DOM
N.ºs 41 e 42

Nathalia-N.º 41, 9, N.º 42, 4-(13) — Cabeça d'Agua-N.º 41, 18, N.º 42 17-(35) — Boavida-N.º 41, 13, N.º 42, 13-(26) — Jó-Fera-N.º 41, 11, N.º 42, 10-(21) — Ra-Nito-N.º 41, 6, N.º 42, 7-(13) — Sombrio-N.º 41, 15, N.º 42, 9-(24) — Ziram-N.º 41, 18, N.º 42, 17-(35) — Um cabo do 11-N.º 41, 13, N.º 42, 8-(21) — Sado-N.º 41, 14 — Celeste-N.º 41, 15, N.º 42, 14-(29) — Ze João-N.º 41, 18, N.º 42, 17-(35) — Litras-N.º 41, 12, N.º 42, 13-(25) — Açnarepse-N.º 41, 13, N.º 42, 12-(25).

Charadas

Novissimas

O periquito da ilha de Fernando Pó é baixo e gordo-3-1.

EVELVINA DOS RAMOS SOEIRO

Com este instrumento tira-se a medida á arvore-1-2.

BAILLO



N'esta cidade da Italia, talvez lá no norte, vi eu um bello pasto-3-2.

UM CABO DO 11



O' rapaz, vae-me já, já, na caça d'aquelle animal-2-1.

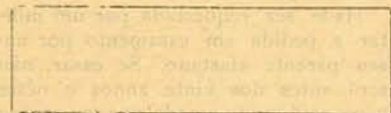
CABEÇA D'AGUIA



Biforme

Vara-3.

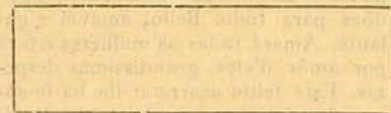
FEIJÃO FRADE



Electricas

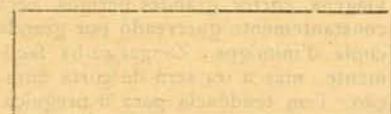
Estes cabos são de chumbo argentifero-2.

AÇNAREPSE



Esta cidade africana é habitada por este povo-2.

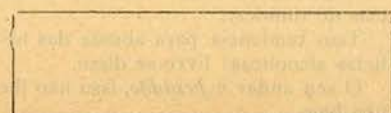
ERMELINDA DA CONCEIÇÃO ALVES



Truncada

Regiões do mundo-4.

DIVINO

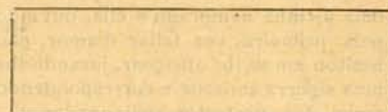


Enygmias

Por iniciaes

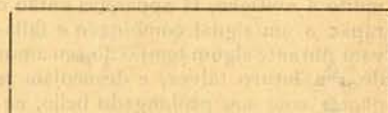
SPDLCA
3 2 4 2 3 2

BURLÃO



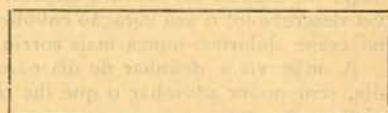
CTEPTSA
1 3 1 5 2 1 3

JÓ FÉRA



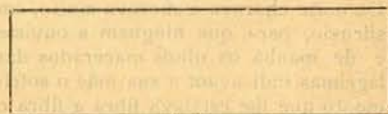
AIEOPMFDV
1 4 1 1 4 1 2 1 2

LUNA



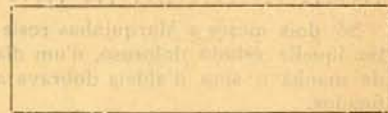
TQÉOMMDNT
2 2 1 1 2 2 1 2 1

J. P.

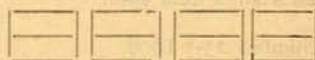


PLPC
3 4 3 3

J. P.

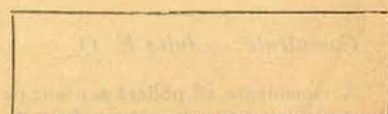


De palitos



Tirando 5 palitos encontra-se nas egrejas.

JORGE MARTINHO CLARO



Artigos a decifrar 14.

R. Xavier da Silva
Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
Das 3 às 5—Rua da Palma, 133, 1.º

LUZ KITSON
Petroleo por incandescencia
A mais brilhante, a mais economica
Sem cheiro nem fumo, L. M. LILLY, succesor,
R. dos Retrozeiros, 35, 1.º-D.

MOTORES DE AR QUENTE
Para tirar agua, substituindo com vantagem
as noras e os moinhos de vento, L. M. Lilly Succesor,
R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, —D. Lisboa.

A. P. FERRAZ
Chapeus para senhora e creanças
RUA DO OURO, 231
(Primeiro quartelão vindo do Hocio)

Grande Deposito
— DE —
MOVEIS DE FERRO
— E —
Golchoaria
— DE —
JOSÉ A. DE C. GODINHO
~~~~~  
**54, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 56-Lisboa**

**AOS NOSSOS ASSIGNANTES E LEITORES**

Esta redacção encarrega-se de mandar encadernar a 1.ª e 2.ª Serie do AZULEJOS, em panno chagrin, cabeçalho e lettras douradas, ou qualquer côr á escolha do interessado, pela modica quantia de

**500 RÉIS**

A mesma encadernação em percalina

**700 Réis**

Os pedidos devem ser feitos a esta redacção, acompanhados da respectiva importancia.

**Para as provincias augmenta o porte de 200 réis.**



# FADO

*Mod.<sup>to</sup>*

Victorino Silva.

PIANO

The musical score is written for piano and consists of five systems of music. Each system contains a treble clef staff and a bass clef staff. The key signature is one sharp (F#) and the time signature is 2/4. The first system includes the tempo marking 'Mod.<sup>to</sup>' and the composer's name 'Victorino Silva.'. The word 'PIANO' is written to the left of the first system. The score concludes with the instruction 'Para acabar' and a double bar line. A small publisher's mark 'Nob. 1911' is visible in the bottom left corner of the page.

Todos os numeros publicam um trecho de musica